

RESQUÍCIOS DE AFRICANISMOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL

Hildo Honório do Couto (UnB/IESPLAN)

1. Introdução

Na época colonial deve ter havido um intenso contato de línguas no Brasil, inicialmente entre português e línguas ameríndias. Com o início da importação de escravos, as línguas africanas se somaram a esse processo. Sua presença passou a ser tão marcante que alguns estudiosos chegaram a dizer que houve línguas gerais (línguas francas) africanas no país (Rodrigues 1945, Rodrigues 1983). Até hoje se tem discutido se desse contato surgiu um crioulo. Alguns falam em resquícios de criouliização prévia (Baxter & Lucchesi 1993, Gilbert 1993), outros falam em semicriouliização (Holm 1992b, Mello 1996, Souza 1999). Meu objetivo nesta comunicação não é discutir essas importantes questões. O que pretendo fazer é simplesmente discutir possíveis resquícios de africanismos lingüísticos subsistentes no Brasil, independentemente da questão criouliização/não criouliização ou semicriouliização. Esses resquícios podem ser respigados em comunidades de ex-quilombos, nos rituais afro-brasileiros, no léxico geral da língua e, talvez, em alguns fenômenos fonéticos e morfossintáticos em fase adiantada de extinção. Alguns desses últimos seriam a flexão no início da palavra.

Não tenho a pretensão de apresentar dados novos. Minha intenção é chamar a atenção para as mencionadas sobrevivências de africanismos no Brasil, salientando algumas evidências já apresentadas por outros autores. Nesse sentido, creio que minha contribuição, se é que há alguma, consistiria mais em uma retomada do assunto e uma sugestão de novas metodologias para se investigar a questão. Às vezes, uma nova análise de determinado fenômeno com instrumental teórico mais refinado pode ser mais interessante do que sua primeira apresentação.

2. A questão geral dos africanismos lingüísticos no Brasil

Que as línguas africanas tiveram um papel muito importante no período de formação do Brasil não resta a menor dúvida. Basta ver a relativamente extensa bibliografia sobre a escravidão negra. Pelo menos na primeira metade do século XVIII surgiu a obra *Obra nova de língua geral de Mina*, na região de Vila Rica (cf. Peixoto 1945). "Trata-se de um caderno redigido na intenção de ensinar um vocabulário africano que era comumente usado entre escravos da região. Esse vocabulário precisamos como de base ewè, e, dos 831 termos que ele contém, 80% podem ser identificados com fon, enquanto 20% são mahi, mina e ewe, embora não esquecendo, como já dissemos, que, do grupo de línguas ewe, o fon, o gun e o mahi são muito próximos entre si" (Pessoa 1978:19). Essa obra foi analisada por Souza (2001) e por Rodrigues (2003).

Existem outros trabalhos do gênero, como o bem mais recente Garcia (1935). Como informa esse autor, a obra teria sido escrita na primeira metade do século XIX, em Pernambuco, por alguém que lho entregou, porém, não se lembrava mais de quem poderia ter sido. O glossário consta de cerca de 223 itens lexicais portugueses com equivalentes em "nagô", ou seja, iorubá. No final, há um subtítulo "Observações gramaticaes" que, na verdade, consta dos numerais de 1 a 10, os pronomes "emi" (eu), "onô" (tu), "milôni" (meu, minha) algumas expressões e

algumas observações efetivamente gramaticais, sendo uma delas a de que o gênero é indicado pela palavra *ocoré* (macho) e *oberé* (fêmea). Assim, irmão é *amá-ocoré* e irmã é *amá oberé*. Isso lembra as expressões *menino home* e *menina muié* ou *menino macho* e *menina fêmia*, do interior do Brasil. No crioulo guineense é *mininu matchu* 'menino' e *mininu femia* 'menina'.

Nos tempos atuais ainda subsistem resquícios de africanismos, sobretudo ligados aos cultos afro-brasileiros. Também eles vêm sendo estudados, sobretudo por cientistas sociais, como é o caso do xangô do Recife, estudado, entre outros, por Carvalho (1993). Ele registrou praticamente todos os cantos, acrescentando a tradução em português e comentários. O único senão desse trabalho é que o autor se esmerou em transcrever as palavras pela forma que têm no iorubá atual, com tons e tudo mais, não o que efetivamente se diz atualmente no Brasil. Bonvini (2000) faz uma descrição minuciosa da linguagem de preto velho dos terreiros de umbanda do Rio e da Baixada Fuminense.

Em outros países da América Latina, temos situações muito semelhantes. Em Cuba, por exemplo, temos a *santería*, muito parecida com esse xangô. Em Cabrera (1993) temos uma apresentação romanceada da cultura e dos resquícios de africanismos em Cuba. Em Alvarez (1987) temo-lo para a Venezuela. E assim por diante. Registrem-se também os trabalhos de Verger, Bastide e de Herskovits.

Uma segunda fonte para pesquisa de resquícios de africanismos lingüísticos no Brasil é constituída pelas comunidades de ex-quilombos. A mais conhecida entre essas comunidades é a do Cafundó, bairro rural do município de Salto de Pirapora, a 30km de Sorocaba, estado de São Paulo. A "descoberta" da linguagem dessa comunidade se deu no final da década de 70 por Carlos Vogt, Peter Fry e Maurizio Gnerre. Consultando Vogt & Fry (1978, 1996) bem como Andrade (2000), nota-se que a cupópia (como às vezes é chamada) consta de cerca de 200 palavras, além de expressões compostas. A seguir, temos algumas frases, tiradas dos primeiros:

- (a) *vimbundo* está *cupopiando* no *injô* do *tata* 'o homem preto está falando na casa do pai'
 (b) *nanhamanhara* *cuendou* no *ingombe* do andarú 'o homem foi de carro'
 (c) hoje eu vou *coçumbar* o *mambi* no *orofim* 'hoje eu vou passar o machado no mato (cortar)'

No capítulo 6, os autores reproduzem um extenso diálogo em cupópia, com comentários. No capítulo seguinte, eles procuram investigar as possíveis origens da língua do Cafundó, incluindo algumas sugestões de etimologia. No cap. 8, eles falam de "outras 'línguas africanas' no Brasil". São as de Conceição dos Caetanos (vale do Ribeira, SP), de Vila Bela e de Livramento (MT), de Moji das Cruzes (SP: com alguns itens lexicais), Alfenas/Poços de Caldas (MG: com muitas expressões) e, por fim, de Patrocínio (MG), no Triângulo Mineiro, a 300 km de Belo Horizonte.

Mais recentemente, Sílvio Vieira de Andrade defendeu uma tese de doutorado na USP sobre a linguagem de Cafundó. Trata-se do primeiro trabalho especificamente sobre a língua, e não sobre aspectos culturais. O autor analisa todos os níveis gramaticais da cupópia, ou seja, a fonética, a morfologia, a sintaxe, os campos semânticos. Por fim, apresenta um "Dicionário 'cupópia'-português" e um "Dicionário português-'cupópia'". O primeiro deles contém cerca de 317 entradas. Em 2000, o texto foi publicado em forma de livro (Andrade 2000).

Uma outra comunidade muito interessante é a de Bom Despacho (região oeste de Minas), bairro de Tabatinga. Os moradores são conhecidos como "negros da costa". Essa comunidade foi estudada por Sônia Queiroz, da UFMG. Já na "sinopse" inicial do livro que publicou, a autora afirma que essa linguagem se restringe "quase que exclusivamente ao léxico, em que predominam vocábulos de origem africana, enquanto na gramática, as estruturas são as mesmas do português regional" (Queiroz 1984: 11), o que mostra quão ela se enquadra no que chamei de anticrioulo (Couto 2002). O vocabulário apresentado pela autora contém cerca de 330 entradas, sendo algumas delas de itens compostos em consonância com a gramática do português, fato compartilhado pelos outros glossários mencionados acima. Vejamos algumas frases na linguagem do "negro da costa":

(a) Os *cuete imbanje* da *oçaiá* [...] é tudo *curimbadô*, *curimba avura* 'Os cara irmão da mulhé é tudo trabalhadô, trabalha muito'

(b) As *oçaiá tipura* só assim pra mim: é, *cuete*, çê é *cuxipadô*, né não, *cuete*? 'As mulhé fala só assim pra mim: é, cara, çê é comedô, né não, cara?'

Segundo Aires da Mata Machado Filho, em São João da Chapada, próximo a Diamantina, no norte de Minas Gerais, também existiam resquícios de linguagem africana que se mantiveram sobretudo devido aos cantos chamados vissungos. O autor a chamou de "dialeto crioulo de São João da Chapada", o que, evidentemente, não é verdade. Abaixo temos alguns exemplares desses cantos, sem tradução, que não foi fornecida pelo autor.

- | | |
|------------------|------------------------------|
| (a) | (b) |
| orossangi | Eu memo é capicovite |
| cum galinhá | Eu memo é cariocanga |
| cum quimbondô | Eu memo é candandumba serena |
| cu lôbo lobô | |
| barundo uê iá | |
| barundo uê ererê | |

O livro termina com um "Vocabulário crioulo de sanjoanense", com 156 entradas, seguido de outro intitulado "Vestígios do dialeto crioulo no linguajar local", com 40 entradas. Ao que tudo indica, trata-se também de um anticrioulo. Com efeito, "antigamente os escravos não se contentavam com as canções em língua própria. Usavam, até há pouco tempo, seu idioma natal, cada vez mais mesclado de português, naturalmente" (Machado 1985: 118).

Em todo o Triângulo Mineiro parece que há diversas comunidades de ex-quilombos. Batinga (1994), apesar de assistemático e não explicitar onde colheu seus dados, apresenta uma lista das cerca de 200 palavras que conseguiu coletar. Ele afirma que, apesar de não mais ser "falado como antigamente", "o linguajar Kalunga [...] ainda pode ser reconhecido, falado e escrito, por algumas dezenas de pessoas negras, mestiças e brancas. Muita gente conhece palavras sem, contudo, saber formar frases. Muita gente, por outro lado, é capaz de conversar, quando analfabeto, falar e escrever, quando alfabetizado". Infelizmente, o autor não apresenta nenhuma frase "kalunga", a não ser *kuriata acaxo* 'comida chegou', *kamano acaxo* 'homem está chegando ou chegou' e compostos do tipo *okay de banzo* 'mulher adúltera', *macara de sanjô* 'ovo' e *faim de sanjo* 'foice'.

Há diversas outras comunidades de ex-quilombos por todo o Brasil. Entretanto, a maioria delas não mantém nada mais das línguas africanas originais. O processo de glototanásia (morte de língua) chegou ao seu final.

Tudo que foi discutido até aqui pode ser chamado de enclaves puntuais, alguns deles ainda sobreviventes. No entanto, a questão “africanismos no Brasil” tem sido estudada também da perspectiva das marcas que as línguas africanas deixaram no português brasileiro. O tema tem sido investigado por diversos filólogos do passado como, por exemplo, Mendonça (1973). Mais recentemente outros autores se dedicaram ao assunto de uma perspectiva mais “lingüística”. Entre eles poderíamos citar Angenot, Jacquemin & Vincke (1974), Megenny (1978), Schneider (1991), além de Lopes (s/d) e Castro (2001). O último livro retoma dados contidos em *De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*, que foi a tese de doutorado da autora, em 2 volumes, defendida em 1976 na Universidade Nacional do Zaire (inédita). Eu acrescentaria ainda a obra *Nouveau dictionnaire étymologique afro-brésilien: afro-brasileirismos d'origine ewé-fon et yoruba*, de Lébéné Philippe Bolouvi, a que não tive acesso.

Os textos de Margarida Petter, Jorge A. A. da Silva, Terezinha Resende, Norma Lopes, Mary Careno e Sílvio Andrade Fo. deste número de *Papia* também tratam da questão “línguas africanas no Brasil”.

Nas seções seguintes, comento alguns possíveis resquícios de africanismos lingüísticos que pude respigar aqui e ali no português brasileiro. Como já adiantado acima, eles parecem ser encontráveis em todos os níveis da língua. Começo pelo léxico.

3. Africanismos lexicais

O componente da língua em que os resquícios de africanismos são mais conspícuos é o léxico. Isso não constitui nenhuma surpresa, uma vez que sabemos que é ele que representa mais diretamente a cultura de um povo. Como sabemos, a cultura brasileira é fortemente marcada pela presença africana. Portanto, as entradas lexicais de origem africana permeiam praticamente quase todas as áreas semânticas em que o léxico do português brasileiro pode ser dividido. A seguir, apresento alguns exemplos, em ordem alfabética, atendo-me a alguns dos mais conhecidos. Na medida do possível, apóio-me em Castro (2001), a não ser quando indicado em contrário.

(a) *banguela* (< bantu) ‘desdentado ou que tem a arcada dentária falha na frente’; (b) *bunda* (< bantu) ‘nádegas’; (c) *cacunda* (< bantu) ‘dorso, costas; que roga praga pelas costas’ (< quimbundo *kakunda* ‘corcova, giba’); (d) *carimbo* (< bantu) ‘selo, sinete’; (e) *caxumba* (< bantu) ‘parotidite, papeira’; (f) *dengo/dengue* (< bantu) ‘manha, treta, birra de criança; melindre feminino, faceirice’; (g) *exu* (< kwa) ‘divindade nagô-queto, capaz de fazer tanto bem quanto mal, mensageiro dos orixás’; (h) *fiofó* (< bantu) ‘ânus’; (i) *fubá* (< bantu) ‘farinha de milho ou arroz, pó, película finíssima esbranquiçada’; (j) *futrica* (< bantu) ‘o mesmo que *fuxico*’; (k) *fuxico* (< bantu) ‘mexerico, intriga, segredo; remendo, alinhavo com agulha e linha’; (l) *lelé* (< banto/kwa) ‘maludo, adoidado; ingênuo, indolente, simplório’; (m) *macaco* (< bantu) ‘símio’; (n) *moleque* (< bantu) ‘menino, garoto, rapaz; menino negro’; (o) *sacana* (< bantu) ‘interj. canalha, patife; indivíduo desprezível, sem-vergonha’; (p) *valapá* (< bantu) ‘prato-típico da cozinha baiana’; (q) *zanga* (< bantu) ‘irritação, briga’; (r) *zunzum* (< bantu) ‘barulheira, boato”

Gostaria de acrescentar que em algumas regiões do Brasil ainda são conhecidos termos que os cidadãos ignoram. Vejamos quatro exemplos, registrados na região do Triângulo Mineiro.

(a) *xibungo* (< bantu) ‘pederasta passivo’; (b) *sambanga* ‘tolo, penetra’; (c) *sungar* ‘puxar

para cima, erguer; suspender o cós de calça ou saia’; (d) *molambo* ‘trapo, pano velho, rasgado ou sujo; roupa esfarrapada’

Na região rural de Patos de Minas, mais especificamente em Capelinha do Chumbo (Major Porto), eu conhecia, entre outros, os termos a seguir, embora nem todos pareçam africanos: (a) *cafuçu* ‘diabo; indivíduo grosseiro, inábil; roceiro asselvajado’; (b) *imbondo* ‘coisa sem importância’; (c) *inquijilá* ‘murchar’; (d) *inzoná* ‘demorar, fazer hora’; (e) *jabo* (jaibro, *Dicionário Aurélio*) ‘corte, grande ferida’; (f) *leréia* ‘vozerio, algazarra’; (g) *leteque* ‘falador, tagarela’; (h) *mutreco* ‘coisa feia, pessoa feia’; (i) *patentê* (*pantentê*) ‘muito’: *um pantentê de coisa* ‘muita coisa’; (j) *perrengue* ‘adoentado’; (k) *peteco* ‘bagunça, desordem’; (l) *retame* ‘sujeira de comina em volta da boca’; (m) *sambirico* ‘ânus’; (n) *tifuque* ‘preto, crioulo, pau-de-fumo’; (o) *toba* ‘ânus’; (p) *xibiu* ‘diamante pequeno’.

Seria interessante que os lexicógrafos incluíssem termos como esses mesmo que fosse em glossários regionais. É uma pena que eles caiam em desuso sem ser registrados. Cada palavra que se perde é uma parte da cultura e da história do Brasil que se perde.

4. Africanismos semânticos

Uma vez que há muita influência cultural africana no Brasil, é de se esperar que isso se reflita na semântica do português brasileiro. Além dos itens lexicais discutidos na seção anterior, em que a semântica está embutida, temos também o que se tem chamado de decalque. Alguns dos exemplos mais notórios se encontram na linguagem dos rituais afro-brasileiros, que poderiam ser explicados pela hipótese da relexificação (Lefebvre 1997, Lumsden 1999). Eis quatro exemplos, entre inúmeros outros: (a) *pai-de-santo*, decalque do iorubá *bàbá* ‘pai’ + *òrìshá* ‘santo’; (b) *mãe-de-santo*, de *ialorixá* ou *iyalorixá*, composto de *iyà* ‘mãe’ + *òrìshá* ‘santo’, do iorubá e outras línguas nigerianas; (c) *menino home* X *menina muié* (no interior) é construção encontrável em diversas línguas africanas; (d) *filho/a home (macho)/mulher (fêmea)* (PVB), largamente usado nas línguas africanas (bambará, iorubá) e nos crioulos das Bahamas (inglês), no negerhollands, no papiamentu e no são-tomense, entre outros.

Uma pesquisa muito interessante a esse respeito é a que John Holm iniciou uns tempos atrás (cf. Holm 1994). Ele coligiu algumas expressões que eventualmente tinham aparência africana, e as comparou com similares do português europeu e com algumas línguas africanas. Como se vê nos exemplos a seguir, o significado delas se emparelha com o de expressões africanas e se distancia do significado que têm em Portugal. A conclusão do autor é de que refletiriam influência africana, embora algumas possam ser metáforas universais, como o próprio autor sugeriu. Ei-las.

(a)	(b)
cabeça ruim (PVB) ‘esquecido, estúpido’	cabeça fraca (PVB) ‘teimoso, estúpido’
bad head (CI)	week head (CI)
tèt pa bon (CFH)	tèt feb (CFH)
ori kò dara (iorubá)	isi adinama (igbo)
(c)	(d)
cabeça dura (PVB) ‘teimoso’	cabelo ruim (PVB) ‘crespo’
hard head (CI)	bad hair (CI)
tèt di (CFH)	move chèvè (CFH) (línguas africanas?)
ikhanda elikhuni (zulu)	pelo malo (esp. caribenho)

(e)	(f)
seco (PVB) 'magro'	olho grande (PVB) 'avidez'
dry (CI)	big eye (CI)
chèch (CFH)	gwo je (CFH)
gbe (iorubá) (Portugal?)	ana uku (igbo)
(g)	(h)
passarinho (PVB) 'pênis'	pau (PVB) 'árvore'
bud/bird (CI)	stick (CI)
zozo (CFH) (inglês: cock?)	bwa (CFH) (Portugal?)
*bodo (bando comum)	ibi (ior.)/osisi (igbo)
(i)	(j)
negro/nego (PVB) 'pessoa'	virar um homem (PVB) 'tomar-se adulto'
nigger (CI)	turn a man (CI)
nêg (CFH)	tournen yon nom (CFH)
africano?	bira omi (Cabo verde)
	yipada (iorubá)

Trata-se de uma linha de pesquisa muito interessante. Quem sabe se se analisassem essas e outras expressões da perspectiva da hipótese da relexificação poderíamos encontrar grandes surpresas, no que tange às influências africanas no português brasileiro! É bem provável que esse fenômeno seja muito mais generalizado do que normalmente supomos. Como no caso das entidades dos cultos afro-brasileiros, pode ser que a aparência externa européia de muitas palavras esteja ligada a conteúdos africanos.

5. Africanismos sintáticos

Pelo menos à primeira vista, na sintaxe parece inexistirem influências africanas. No entanto, já foi sugerido que fatos como os que se vêem a seguir teriam a ver com africanismo, como se pode ver em Mussa (1991: 209), reportando-se a Gregory Guy.

PPB	swahili	iorubá
home	mtu	o.kúnrin
os homens	watu	àwo.n o.kúnrin

Ao fazer tais comparações, partimos do português atual, geralmente urbano. Porém, se partíssemos do português rural, mais conservador, sobretudo do das regiões que tiveram mais influência africana, pode ser que encontrássemos influências africanas no nível sintático. Por exemplo, em vez de estudar as palavras de origem africana de Cafundó, Bom Despacho e outras mencionadas acima, por que não se estuda o português dessas comunidades, como sugeriu Petter (1999)? Quem sabe ele nos revele surpresas. Para a concordância, remeto ao tópico seguinte. Bonvini (2000) encontrou muita especificidade sintática na língua de preto da umbanda.

6. Africanismos morfológicos

A morfologia é geralmente tida como o componente das línguas mais impermeável a influências externas. No entanto, ainda no âmbito da pluralização, poder-se-ia dizer que alguns fenômenos morfológicos marginais do português brasileiro teriam alguma influência africana.

Na sintaxe já vimos que há uma tendência a marcar o plural só no início do SN. No entanto, os exemplos dados abaixo parecem justificar o argumento de que há casos de indicação de plural no início do substantivo, não no final. Em Amaral (1982: 71), encontram-se os casos alinhados a seguir, nem todos especificamente de pluralização:

(a) que zano! < há que anos! < há quantos anos!; (b) bamó zimbora, ele foi zimbora (*simbora*, no falar capelinhense, mencionado acima); (iii) osele, zêle fôro zimbora; (c) zóio, zarreio (poderíamos acrescentar: *zovido, zoreia, zarolho?*).

Poder-se-ia argumentar que se trata meramente de fenômenos fonéticos universais, ou seja, tratar-se-ia do conhecido fenômeno da "liaison". No entanto, a pergunta que se põe é: por que a fonética agiu nesses casos e não em outros em que após uma palavra terminada por "-s" vem outra iniciada por vogal?

No início da década de 80, registrei o enunciado *sminina, s'iscovarem!* 'meninas, vamos escovar os dentes!' de uma jovem negra de Paracatu (MG), região de garimpo, em que houve um grande contingente de trabalhadores de origem africana. Esse enunciado é interessante porque pode ser associado a fenômenos semelhantes que se dão na linguagem de pretos velhos. Yeda Pessoa de Castro afirma que "...a fala característica de entidades conhecidas como pretos-velhos ou baculos (do banto *bakulu* 'velhos, idosos') conservava certos traços lingüísticos arcaizantes ou em desuso nas línguas bantas, a exemplo do prefixo nominal /-zi/ que se encontra, por exemplo, em *zingoma* (tambor), até mesmo em palavras do português, tais como *zifiu* (filho), *zirimão*, *zipai*, etc." (Castro 1996), fato que foi caricaturizado em uma série sobre Zumbi dos Palmares, exibida pela TV Cultura. Para os executores dessa série, bastava acrescentar *zi-* às palavras para se ter uma linguagem africana. Bonvini (2000: 403-4) encontrou esse fenômeno na Baixada Fluminense.

Nas línguas africanas, sobretudo bantus (zulu, variedade nguni), o plural é prefixal, marcado geralmente por "ba-" e "ma-", mas em alguns casos também por "zi-" ou "izin". Aliás, esse traço foi adotado pelo pidgin das minas sul-africanas, chamado fanakalo (Heine 1973). Mesmo diante dessas evidências, fica sempre a dúvida de se isso não seria uma tendência geral que emerge no contato. A simplificação de flexões é uma constante em todos os casos de contato de línguas. Mesmo os contatos interdialetais podem provocá-la.

Ainda no nível morfológico, gostaria de conjecturar que pode ter havido influência africana na adoção de determinadas terminações (sufixos?). Os três exemplos a seguir constam de palavras de radical românico, combinado com sufixo que pôde ter influência africana: (a) *molenga* 'mole, indolente, preguiçoso, medroso, covarde'; (b) *balangar* por *balançar* (cf. *balangandã!*); (c) *pendenga* 'pendência'

No português europeu havia o sufixo "-engo", como em *avoengo*, que pode ter tido algum papel nesse processo. Nesse caso, teríamos um exemplo de convergência de influências, como defendido pelos crioulistas. Talvez aí entrassem até um item lexical como *sungar*, já mencionado acima. Lopes (s/d: 201), por exemplo, apresenta a variante *pendanga* para *pendenga*, relacionando-a com o quicongo *mbandanga* 'desentendimento, desacordo, discondância'. De *molenga*, ele afirma que talvez seja composto de *mole* + quimbundo *walenga* 'fraco. Em quicongo existe *lengue* 'mole, pouco espesso', referindo-se especialmente a alimentos próprios para crianças'.

7. Africanismos fonéticos

Segundo alguns autores, como Castro (2002), houve muita influência fonética das línguas africanas sobre o português brasileiro. Algumas das que são mencionadas na literatura são as seguintes: (a) queda do r de infinitivos; (b) vocalização de l final; (c) [l] > [j], [ãw, êj] > [u, i] (fizeram > fizero, homem > home); (d) [l] > [r] (planta > pranta); (e) [s] > 0: (como em *os menino*); (f) CC > CVC (branco > baranco, porta > pota - sic!).

Holm (1987: 406) acha que a africativização de /t/ e /d/ antes de [i] revela influência do crioulo são-tomense, língua em que praticamente todas as seqüências desse tipo viraram [tʃ]. Eu não creio que isso seja verdade. Com efeito, trata-se de um processo fonético assimilatório encontrável em muitas línguas, como o japonês e o inglês. Além do mais, a quantidade de são-tomenses que vieram para o Brasil foi insignificante, se considerarmos as proporções continentais de nosso país. Não obstante, pode ser que outros fenômenos fonéticos jamais considerados como devidos a influência africana podem sê-lo, como os exemplificados que se vêem em seguida: (a) ndê [qui ocê mora]: cf. *nde* no crioulo!; (b) mbòra (<embora), como em *vamu 'mbora*; (c) [mb, nd] no interior de palavras: *samba, dendê, camundongo, ginga, tanga, sunga*

Trata-se do conhecido processo de pré-nasalização, presente na grande maioria das línguas africanas. Lopes (s/d: 21-22) sugere também que uma grande quantidade de palavras iniciadas pelas sílabas *ba-, ca-, cu-, fu-, ma-, mu-, qui-*, entre outras, podem dever-se a algum tipo de influência africana. Entre os exemplos, ele cita *caçula, capanga, candango, cachimbo, curinga, fundanga, macumba, maxixe, mocambo, mocotó, moleque, muamba, muvuça, muquiço, quitanda, quizila, quitute, quilombo*. Para Castro (1990: 105), *saravá* provém de *salvar*, mediante mudanças fonéticas que vão na direção das línguas africanas. A evolução, teria sido: *salvar > salvá > salavá > saravá*.

Cruz (1996) menciona fatos do português paraense presumivelmente de origem africana. Trata-se de (i) neutralização das vogais médias posteriores, (ii) alternância entre as líquidas, (iii) ideofones. Poder-se-ia acrescentar também a tendência a evitar consoante na coda silábica.

8. Observações finais

Infelizmente, todas as línguas africanas que foram trazidas para o Brasil chegaram quase ao término do processo de glotonáxia. Nem mesmo as línguas gerais conseguiram sobreviver. O que houve com elas é muito parecido com o que aconteceu com o bretão. Nesse caso, a causa da glotonáxia foi o fato de que "as duas línguas não tinham o mesmo valor, não estavam no mesmo nível social. Uma das duas morreu porque se encontrava em situação de inferioridade" (Vendryès 1952: 43). Devido à paucidade de dados, a maioria dos exemplos discutidos acima pode ter alguma dose de verdade. O problema é que muitos fenômenos seriam explicáveis também por tendências gerais de simplificação, ou de opção por formas não-marcadas, ou menos marcadas, em situações de contato de línguas. Na ausência de mais evidências, fica difícil chegar-se a uma conclusão segura. O fato é que as influências lexicais são inegáveis. Tanto isso é verdade que "em alguns casos, a palavra banto chega a substituir completamente o seu equivalente em português" (p. 74-5, 121). Eis alguns exemplos, em que "<" significa "substituiu": *moringa < bilha, caçula < benjamim, marimondo < vespa, corcunda < giba, capenga < coxo, cochilar < dormir, cachaça < aguardente, bunda < nádegas, carimbo < sinete* (Castro 2001: 74-5, 121).

Em alguns casos, o termo de origem africana convive com o europeu, às vezes com conotação chula: *cabaço < hímen, toba < ânus, xibungo < pederasta* (Castro 2001: 121). Enfim, os itens

lexicais de origem africana usados no português se distribuem por diversos campos semânticos. Eis alguns deles, com a restrição de que uns poucos são específicos da linguagem popular da Bahia, ou de outras regiões do Brasil. Os exemplos não exaurem, necessariamente, a lista de africanismos de cada campo (Castro 2001: 120-121):

(a) fauna: *acanga, caçote, calunga, caranguji*; (b) flora: *andu, dendê, moranga, maxixe, jiló*; (c) alimentação: *mungunzá, moqueca, aluá, cachaça*; (d) habitação e família: *cafua, cubata, senzala, babá, caçula*; (e) doenças: *caxumba, tunga*; (f) usos e costumes: *cafuné, cochilo, calundu, dengo*; (g) religião: *condomblé, macumba, inquice, orixá, Zambi, Oxóssi, Exu, peji*; (h) crenças e superstições: *quizila, tutu, zumbi, mandu*; (i) objetos fabricados: *quibando, munzuá, muxinga, moringue, caçamba*; (j) instrumentos musicais: *iimbau, marimba, cuica, berimbau, agogô*; (k) recreação: *samba, maxixe, lundu*; (l) ornamentos e vestes: *miçanga, balangandã, tanga, canga*.

Como se viu, no caso das línguas africanas no Brasil, o processo de glotonáxia descrito por Vendryès (1952) praticamente chegou ao seu final. O que ainda podemos encontrar é uma caveira aqui, uma tíbia ali ou um fêmur acolá do que um dia foi um corpo vivo e pulsante. Os casos discutidos acima podem ser algumas dessas caveiras, dessas tíbias e desses fêmures. Mesmo assim, vale a pena fazer-se um trabalho arqueológico à procura de peças como essas. Elas revelariam muito do que entrou na formação da cultura e da língua do povo brasileiro, como salienta Castro (2001: 62). No caso dos ciganos, por exemplo, foi justamente a sobrevivência da língua que permitiu aos filólogos localizarem sua origem na região centro-norte da Índia (cf. Couto 2002: 95-97). Uma investigação das questões levantadas acima, com métodos lingüísticos atuais, é de alta prioridade para o Brasil.

Referências

- Alleyne, Mervyn. 1989. *Roots of Jamaican Culture*. Londres: Pluto Press, 2ª edição.
- Alvarez, Alexandra. 1987. *Malabí maticulambí - Estudios afrocaribeños*. Uruguay: Monte Sexto (Col. Temas 008).
- Ampa, Jorge. 1991. Nomi di kasa. *Papia* 1(2). 119-121.
- Andrade, Sílvia Vieira de. 2000. *Um estudo sociolingüístico das comunidades do Cafundó, do antigo Caxambu e de seus arredores*. Sorocaba (SP): Gráfica e Editora Paratodos.
- Angenot, Jean-Pierre, Jean-Pierre Jacquemin & Jacques L. Vincke. 1974. *Répertoire des vocables brésiliens d'origine africaine*. Lubumbashi (Zaire): Centre de Linguistique Théorique et Appliquée, Université Nationale du Zaire.
- Bastide, Roger. 1979. The other Quilombos. In: Price (org.): 191-201. Price, Richard. 1979. *Maroon societies: Rebel slave communities in the Americas*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2. ed.
- Batinga, Gastão. 1994. *Aspectos da presença do negro no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba*. Uberlândia: Editora Indústria & Comércio Ltda (ed. particular), 77p.
- Baxter, Alan & Dante Lucchesi. 1993. Processos de descriolização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro. *Papia* 2,2. 59-71.
- Bonvini, Emilio. 2000. La langues des "pretos velhos" (vieux noirs) au Brésil: un créole à base portugaise d'origine africainé? *Bulletin de la société de linguistique de Paris* XCV, 1. 389-416.

- Cabrera, Lydia. 1993. *El monte*. Havana: Letras Cubanas.
- Carvalho, José Jorge de. 1993. *Cantos sagrados do xangô do Recife*. Brasília: Fundação Cultural Palmares.
- Castro, Yeda Pessoa de. 1978. Níveis sociolingüísticos da integração de influências africanas no Brasil. *III encontro nacional de lingüística*. PUC-RJ, 18-21/10/1978.
- _____. 1996. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In: Mello, L. de A. (org.) *Sociedade, cultura e língua*. João Pessoa: Shorin/CCHLA/FUNAPE/UFPB, p. 91-113.
- _____. 2001. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras & Topbooks.
- Couto, Hildo Honório do. 2002. *Anticrioulo: manifestação lingüística de resistência cultural*. Brasília: Thesaurus.
- Cruz, Regina Célia Fernandes. 1996. Aspectos Fonético-Fonológicos do Português Afro-Brasileiro. Disponível em: http://creole.ling.su.se/creole/Papers_On-line.html
- ENCÔNTO DE NAÇÕES-DE-CANDOMBLÉ. 1984. Anais do encontro realizado em Salvador, 1981. UFBa: Centro de Estudos Afro-Orientais/ Centro Editorial e Didático.
- Freitas, Décio. 1984. *Palmares. A guerra dos escravos*. Porto Alegre: Mecado Aberto, 5ª ed.
- Fry, Peter, Carlos Vogt & Maurizio Gnerre. 1981. Mafambura e caxapura: na encruzilhada da identidade. *Dados - Revista de ciências sociais* 24,3.373-389.
- Garcia, Rodolfo. 1935. Vocabulário nagô. *Estudos afro-brasileiros*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda.
- Gilbert, Glenn. 1993. Popular Brazilian Portuguese: a convergence creole, derived from a dual source. Comunicação lida no encontro da Society for Pidgin and Creole Linguistics, Los Angeles, CA.
- Heine, Bernd. 1973. *Pidgin-Sprachen im Bantu-Bereich*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.
- Holm, John. 1987. Creole influence on Popular Brazilian Portuguese. In: Gilbert, G. G. (org) *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, p. 406-429.
- _____. 1991. A theoretical model for semi-creolization. Comunicação lida na 9ª conference of the Society for Caribbean linguistics, University of the West Indies, Barbados, 28-29/8/1991.
- _____. 1992a. Popular Brazilian Portuguese: A semi-creole. In: D'Andrade & Kihm (orgs): 37-66.
- _____. 1992b. A semi-crioulização do português vernáculo do Brasil: Evidência de contacto nas expressões idiomáticas. *Papia* 3,2.51-61.
- Lefebvre, Claire. 1997. Relexification in creole genesis: the case of demonstrative terms in Haitian creole. *Journal of pidgin and creole languages* 12:2.181-201.
- Lumsden, John. 1999. The role of relexification in creole languages. *Journal of pidgin and creole languages* 14,2.225-258.
- Lopes, Ney. s/d. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Cultural José Bonifácio.
- Machado Filho, Aires da Mata. 1985. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/ EDUSP.
- Meggeney, William. 1978. *A Bahian heritage: an ethnolinguistic study of African influences on Bahian Portuguese*. Chapel Hill: University of North Carolina.

- Mello, Heliana. 1996. *The Genesis and Development of Brazilian Vernacular Portuguese*. Disponível em: http://creole.ling.su.se/creole/Papers_On-line.html.
- Mendonça, Renato. 1973. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4.a. ed.
- Mussa, Alberto Baeta Neves. 1991. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Tese de doutorado.
- Ottoni, Maria Ap. R. 1996. Analisando o yorubá que se usa no culto omoloko. Universidade Federal de Uberlândia (ms).
- Peixoto, Antônio da Costa. 1945. *Obra nova de língua geral de Mina*. Lisboa: Agência Geral das Colônias (ms. Bibl. Pública de Évora e da de Lisboa).
- Petter, Maria Margarida Taddoni. 1999. A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo? In: Zimmermann, Klaus (org.) *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, p. 101-117.
- Queiroz, Sônia Maria de Mello. 1984. *A língua do negro da costa: um remanescente africano em Bom Despacho* (MG). UFMG: tese de doutorado.
- Rodrigues, José Honório. 1983. A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial. *Humanidades* 1.21-41.
- Rodrigues, Nina. 1945. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3a. ed.
- Rodrigues, Aryon Dall'Ígna. 2002. "Obra nova da língua geral de Mina": a língua wew nas Minas Gerais. Neste volume.
- Informações e observações sobre a Língua Geral de Mina. Comunicação apresentada no II Encontro da ABCECS, UFMG, 3-5/10/2002.
- Schneider, John T. 1991. *Dictionary of African borrowings in Brazilian Portuguese*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- Souza, Silvia Margarete Cunha. 2001. *A predicação na "língua geral de mina": uma proposta de descrição*. USP: Diss. de mestrado. Ver texto neste volume.
- Souza, Ulisete Rodrigues de. 1999. *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista*. Universidade de Brasília, dissertação de mestrado.
- Telles, Célia Marques. 1971. *Tentativa de classificação semântica do vocabulário de uma comunidade religiosa de candomblé segundo o sistema conceitual de Rudolf Hallig e Walter von Wartburg*. UFBa: Diss. mestrado.
- Vendryès, Joseph. 1952. La mort des langues". In: *Choix d'études linguistiques et celtiques*. Paris: Klincksieck: 39-50.
- Vogt, Carlos & Peter Fry. 1978. Cafundó: uma comunidade que fala até hoje uma língua africana. *Estudos lingüísticos* (GEL) II.11-19.
- _____. 1996. *Cafundó: a África no Brasil*. S. Paulo: Ed. UNICAMP/Cia. das Letras.